

A SEMANA – 105

John Gledson

O Encilhamento é um dos temas recorrentes de “A Semana”: o “ano terrível (1890-91)” é uma obsessão de Machado, tão importante quanto a própria República – de fato, para ele as duas coisas estavam intimamente conectadas. Às vezes, como aqui e no “Sermão do diabo” (4 de setembro de 1892), ele dedica uma crônica inteira ao assunto, sem que houvesse, ao que parece, evento dessa semana com especial ligação ao fenômeno. Para a sua fantasia satírica, Machado baseia-se na famosa cena do cemitério do quinto ato de *Hamlet*, a tal ponto que vale a pena cotejá-las (as baladas cantadas pelos coveiros, os trocadilhos...). O final lúgubre da cena, com o enterro de Ofélia, lembra o enterro de Flora em *Esau e Jacó*, cap. CVIII, que acontece justamente durante o estado de sítio.

Machado republicou esta crônica em *Páginas recolhidas* (1899), na seção “Entre 1892 e 1894”, sob o título “A cena do cemitério”, com uns poucos cortes, e várias mudanças, de menor monta. Temos a impressão que ficou insatisfeito com a revisão da versão original, do jornal, e num caso importante até corrigiu a leitura desta crônica na seguinte (ver nota 8). Noutros casos, achamos que também corrigiu o texto no de 1899, restituindo a leitura que tencionara em 1894, fosse a responsabilidade do “erro” dele ou dos compositores. Nestes casos, tentamos reproduzir, não o texto do jornal, mas a intenção do autor em 1894 (sempre fornecendo toda a informação necessária para que o leitor decida).

De fato, há várias diferenças entre os dois textos. Algumas são ajustes para tirar referências que faziam perfeito sentido no contexto do jornal, mas menos no livro de cinco anos depois. Outras são de pontuação. Como as duas versões são da autoria de Machado, e refletem suas intenções em momentos e contextos diferentes, achamos importante dar conta de ambos, *embora usando a versão de 1894 como base*. Para isso, e para não complicar demais a leitura do texto, carregando-o de notas excessivas, optamos por colocar entre colchetes [...] as palavras da versão da *Gazeta* omitidas na versão de *Páginas recolhidas*. Entre parênteses (...), vão as palavras e marcas de pontuação que substituíram as do jornal ou se acrescentaram a ele, nesta versão posterior.

Aurélio, como nós, baseia-se no original de 1894, anotando no pé da página algumas mudanças feitas em 1899. Porém, é menos consistente que o desejável, às vezes aceitando a leitura posterior sem assinalar o fato. Como de costume, anotamos estas diferenças.



A SEMANA

3 de junho de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Não mistureis alhos com bugalhos; é o melhor conselho que posso dar às pessoas que leem de noite na cama. A noite passada, por infringir essa regra, tive um pesadelo horrível. Escutai; não perdereis os cinco minutos de audiência.

Foi o caso que, como não tinha acabado de ler os jornais de manhã, fi-lo à noite. Pouco já havia que ler, três notícias e a cotação da praça. Notícias da manhã, lidas à noite, produzem sempre o efeito de modas velhas, donde concluo que o melhor encanto das gazetas está na hora em que aparecem. A cotação da praça, conquanto tivesse a mesma feição, não a li com igual indiferença, em razão das recordações que trazia¹ do ano terrível (1890-91). Gastei mais tempo a lê-la e relê-la. Afinal pus os jornais de lado, e, não sendo tarde, peguei de um livro, que acertou de ser Shakespeare. O drama era *Hamlet*. A página, aberta ao acaso, era a cena do cemitério, ato V. Não há que dizer ao livro nem à página; mas essa mistura de poesia e cotação de praça, de gente morta e dinheiro vivo, não podia gerar nada bom; eram alhos com bugalhos.

Sucedeu o que era de esperar; tive um pesadelo. A princípio, não pude dormir; voltava-me de um lado para outro, vendo as figuras de Hamlet e de Horácio, os caveiros e as caveiras, ouvindo a balada e a conversação. A muito custo, peguei no sono. Antes não pegasse! Sonhei que era Hamlet; trazia a mesma capa negra, as meias, o gibão e os calções da mesma cor. [Não sei se vos lembrais ainda de Rossi e de Salvini?² Pois era a mesma figura. Era mais;³] tinha a própria alma do príncipe da Dinamarca.⁴

¹ A *Gazeta* tem “traria”. *Páginas recolhidas* e Aurélio têm “trazia”, leitura que resolvemos aceitar, por nos parecer claro que se trata de um erro dos compositores (compreensível pela semelhança das duas letras). No caso, “traria” quereria dizer que “traria” essas recordações para o sono e o sonho do cronista, sentido possível, mas menos verossímil que “trazia”.

² Está assim no jornal: Aurélio tem “Salvino”. Ernesto Rossi (1827-1896) e Tommaso Salvini (1829-1915), dois atores italianos e shakespearianos. Machado viu ambos no Rio de Janeiro em 1871, em várias peças de Shakespeare, e comentou em dois artigos, “Macbeth e Rossi”, de 25 de junho de 1871 (na *Semana Ilustrada*), e “Rossi: carta a Salvador de Mendonça”, n’*A Reforma* de 20 de julho de 1871. Ambos os textos podem ser lidos em João Roberto Faria (organizador): *Machado de Assis – do teatro*. Segundo Faria, esses espetáculos tiveram um efeito decisivo sobre Machado, e foram a origem da sua enorme admiração pelo dramaturgo inglês.

³ Aurélio põe dois-pontos no lugar de ponto e vírgula.

⁴ Em *Páginas recolhidas*, não há divisão de parágrafo neste ponto.

Até aí nada houve que me assustasse. Também não me aterrou ver, ao pé de mim, vestido de Horácio, o meu fiel criado José [Rodrigues]. Achei natural; (:)⁵ ele não o achou menos. Saímos de casa para o cemitério; atravessamos uma rua que nos pareceu ser a Primeiro de Março e entramos em um espaço que era metade cemitério, metade sala.⁶ Nos sonhos há confusões dessas, imaginações duplas ou incompletas, mistura de coisas opostas, dilacerações, desdobramentos inexplicáveis; mas, enfim, como eu era Hamlet e ele Horácio, tudo aquilo devia ser cemitério. Tanto era que ouvimos logo a um dos coveiros esta estrofe:

Era um título novinho,
Valia mais de oitocentos;
Agora que está velhinho
Não chega a valer duzentos.

Entramos e escutamos. Como na tragédia, deixamos que os coveiros falassem entre si, enquanto faziam a cova de Ofélia. Mas os coveiros eram ao mesmo tempo corretores, e tratavam de ossos e papéis. A um deles ouvia bradar que tinha trinta ações da Companhia Promotora das Batatas Econômicas. Respondeu-lhe [o] outro que dava cinco mil-réis por elas. Achei pouco dinheiro e disse isto mesmo a Horácio, que me respondeu(,) pela boca de José [Rodrigues]: “Meu senhor, as batatas desta companhia foram prósperas enquanto os portadores dos títulos não as foram plantar. A economia da nobre instituição consistia justamente em não plantar o precioso tubérculo; uma vez que (o)⁷ plantassem era indício certo da decadência e da morte.”

Não entendi bem; mas os coveiros, fazendo saltar caveiras do solo, iam dizendo graças e apregoando títulos. Falavam de bancos, do Banco Único,⁸ do Banco Eterno, Banco dos Bancos, e os respectivos títulos eram vendidos ou não, segundo oferecessem por eles[,]⁹ sete tostões ou duas patacas.¹⁰ Não eram bem títulos nem bem caveiras; eram as duas coisas juntas, uma fusão de aspectos, letras com buracos de olhos, dentes por assinaturas. Demos mais alguns passos, até que eles nos viram. Não se admiraram; foram indo com o trabalho de cavar e vender. – Cem da Companhia Balsâmica! – Três

⁵ Aurélio aceita esta opção de 1899.

⁶ O centro do Encilhamento era “o trecho final da Rua da Alfândega até à de Primeiro de Março, transbordando pelos dois ramos laterais da apertada e torta viela, mais que rua, chamada da Candelária, nos arredores do edifício de Banco do Brasil”. “Heitor Malheiros” [Visconde de Taunay], *O Encilhamento* (1893), p. 1.

⁷ Aurélio aceita este acréscimo de *Páginas recolhidas*.

⁸ No jornal há “União” – na crônica seguinte, Machado faz a correção. Como sugere Gustavo Franco, é porque todos os nomes dos bancos deviam ser fictícios, e existiam vários com esta palavra – o Banco União de São Paulo, por exemplo. Também “Único” quadra melhor com os nomes paródicos que Machado gosta de dar a entidades financeiras.

⁹ Aurélio aceita a leitura de *Páginas recolhidas*, excluindo a vírgula.

¹⁰ 700 réis ou 640 réis.

mil-réis. – São suas. – Vinte e cinco da Companhia Salvadora! – Mil-réis! – Dois mil-réis! – Dois mil e cem! – E duzentos! – E quinhentos! – São suas.

Cheguei-me a um, ia falar-lhe, quando fui interrompido pelo próprio homem: – “Pronto Alívio! meus senhores! Dez do Banco Pronto Alívio! Não dão nada, meus senhores? – Pronto Alívio! senhores... Quanto dão? Dois tostões? Oh! não! não! valem mais! Pronto Alívio! Pronto Alívio!”¹¹ O homem calou-se afinal, não sem ouvir de outro coveiro que, como alívio, o banco não podia ter sido mais pronto. Faziam trocadilhos, como os coveiros de Shakespeare. Um deles, ouvindo apregoar sete ações do Banco Pontual, disse que tal banco foi realmente pontual até o dia em que passou do ponto à reticência. Como espírito, não era grande coisa; daí a chuva de túbias que caiu em cima do autor. Foi uma cena lúgubre e alegre ao mesmo tempo. Os coveiros riam, as caveiras riam, as árvores, torcendo-se aos ventos da Dinamarca, pareciam torcer-se de riso, e as covas abertas riam, à espera que fossem chorar sobre elas.

Survivam muitas outras caveiras ou títulos. Da Companhia Exploradora de Além-Túmulo apareceram cinquenta e quatro, que se venderam a dez réis. O fim desta companhia é comprar para cada acionista um lote de trinta metros quadrados no Paraíso. Os primeiros títulos, em março de 1891, subiram a conto de réis; mas se nada há seguro neste mundo conhecido, pode havê-lo no incognoscível? Esta dúvida entrou no espírito do caixa da companhia, que aproveitou a passagem de um paquete transatlântico, para ir consultar um teólogo europeu, levando consigo tudo o que havia mais cognoscível entre os valores. Foi um coveiro que me contou este antecedente da companhia. Eis aqui, porém, surdiu uma voz do fundo da cova, que estavam abrindo. Uma *debênture*! uma *debênture*!¹²

Era já outra coisa. Era uma *debênture* [da Geral].¹³ Cheguei-me ao coveiro, e perguntei que era que estava dizendo. Repetiu o nome do título. Uma *debênture*? – Uma *debênture* [da Geral. – Da Geral!](.) Deixei ver, amigo. E, pegando nela, como Hamlet, exclamei, cheio de melancolia:

– *Alas, poor Yorick!* Eu o (a)¹⁴ conheci, Horácio. Era um título magnífico. Estes buracos de olhos foram algarismos de brilhantes, safiras e opalas. Aqui, onde foi nariz, havia um promontório de marfim velho lavrado; eram de nácar estas faces, os dentes de ouro, as orelhas de granada e safira. Desta boca saíam as mais sublimes promessas em

¹¹ Na *Gazeta*, as aspas seguem o travessão no início desta frase – no fim dela, as aspas não se fecham, verossimilmente por esquecimento do compositor. Em *Páginas recolhidas*, e Aurélio, estão na posição correta. Acharmos melhor seguir a lição deles, que verossimilmente corresponde à intenção de Machado em 1894.

¹² Aurélio, como de costume, não italiciza “*debênture*”.

¹³ Para a Companhia Geral das Estradas de Ferro do Brasil, escândalo maior do Encilhamento, ver p.ex. a crônica de 22 de maio de 1892, nota 4.

¹⁴ Em *Páginas recolhidas*, este “a” (que substitui o pronome “o”) deve referir-se à *debênture*.

estilo levantado e nobre. Onde estão agora as belas palavras de outro tempo?¹⁵ Prosa eloquente e fecunda, onde param os longos períodos, as frases galantes, a arte com que fazias ver a gente cavalos soberbos com ferraduras de prata e arreios de ouro? Onde os carros de cristal, as almofadas de cetim? Dize-me cá, José Rodrigues (Diz-me cá, Horácio).

– Meu senhor...

– Crês que uma letra de Sócrates esteja hoje no mesmo estado que este papel?

– Seguramente.

– Assim que, uma promessa de dívida do nobre Sócrates não será hoje mais que uma *debênture* escangalhada?

– A mesma coisa.

– Até onde podemos descer, Horácio! Uma letra de Sócrates pode vir a ter os mais tristes empregos deste mundo; limpar os sapatos, por exemplo. Talvez ainda valha menos que esta *debênture*.

– Saberá Vossa Senhoria que eu não dava nada por ela.

– Nada? Pobre Sócrates! Mas espere (espera),¹⁶ calemo-nos, aí vem um enterro.

Era o enterro da¹⁷ Ofélia. Aqui o pesadelo foi-se tornando cada vez mais aflitivo. Vi os padres, o rei e a rainha, o séquito, o caixão. Tudo se me fez turvo e confuso. Vi a rainha deitar flores sobre a defunta. Quando o jovem Laertes saltou dentro da cova, saltei também; ali dentro atracamo-nos, esbofeteamo-nos. Eu suava, eu matava, eu sangrava, eu gritava...

– Acorde, patrão! acorde!



¹⁵ Paródia da “Ballade des dames du temps jadis”, famoso poema de François Villon (c. 1431-c. 1463).

¹⁶ Aurélio aceita a versão de *Páginas recolhidas*.

¹⁷ Aurélio tem “de” (“da” na *Gazeta e Páginas recolhidas*).